

A Lirica do Beijo por Patrocínio Ribeiro

O beijo é um símbolo de paz e de afecto. Ha, todavia, o beijo de Judas... o beijo falso, o beijo hipocrita, o beijo traidor. Esse beijo historico dado pelo discipulo perverso na face do Divino Mestre, esse beijo repelente com que Judas vendeu Cristo, ficou legendario.

E' o beijo amargo, o beijo de fel.

Entre os beijos mais famosos distinguem-se os beijos funestos, os beijos tragicos.

Aquele beijo trocado entre a formosa Francesca de Rimini e seu cunhado Paulo,

*La bocca mi bacciò tutto tremante
Quel giorno piu non vi leggemmo avante,*

foi um beijo nefasto porque originou que a espada do esposo atraído viesse cortar o delicioso idilio.

Não é menos tragico, tambem, aquele beijo com que Isabel de Segura exalou o ultimo suspiro, abraçada ao cadaver do seu amante, que morrera de amor por ela. Mas ha mais beijos fatais ainda: o osculo que o principe Fernando da Baviera deu na princesa Thyra causou uma guerra em que morreram mais de mil homens; em 1794, a duqueza de Gordon recrutou gente para o regimento dos «high-landers» oferecendo a cada alistado um beijo, e, quando esse regimento se defrontou com os franceses no campo de batalha, quasi todos os soldados pagaram com a vida o delicioso beijo da aristocrata!

Mas ao lado dos beijos funestos regista a historia outros sem consequencias como, por exemplo, aquele que a rainha Isabel de Inglaterra deu ao duque de Alençon, pretendente á sua mão, diante da corte reunida e assombrada e aquele outro que a duqueza de Devonshire deu a um carniceiro por um voto de uma eleição em que se empenhara.

E' famoso, tambem, aquele beijo dado por Margarida da Escossia, mulher de Luís XI, em Alain Chartier, o poeta mais feio da França. Passando um dia por uma sala onde o poeta estava adormecido, abeirou-se

dele e de-
pôs-lhe um
beijo nos
labios, sem
se impor-
tar com os
cortezãos e
damas que
a acompa-
nhavam.
Vendo, po-
rem, que
alguns es-
tranhavam
o seu pro-
cedimento
disse-lhes

com a
maior sim-
plicidade:

— Não é o homem que beijo, mas sim a boca de onde teem saído tão lindas poesias...

Ora ha beijos castos e beijos voluptuosos; os castos são enaltecidos pela retórica dos moralistas, e os voluptuosos pela ardencia dos artistas sensuais. A união dos labios abrasados de dois amantes é um poema de prazer, é uma sinfonia de gôso. Beijar a pes-

soa amada é procurar absorver-lhe o effluvio magnetico do seu desejo. O beijo é uma caricia espirital á emoção amorosa da alma humana, e tão espirital é que só as mulheres sabem beijar bem... O beijo é uma delicia esplendida porque tem uma duplicidade misteriosa — é uma penetração e uma absorpção. Beijar é dar e receber. E de aí o encanto indefinivel do beijo desde a mais remota antiguidade.

No *Cantico dos Canticos*, a morena, ardente, e bela Sulamite delira pelos labios de Salomão exclamando: «*Que ele me beije dos beijos da sua boca porque esses beijos são mais doces que o vinho capitoso.*»

Entre os grandes poetas romanos distinguem-se, sobretudo, como



O Beijo, escultura de A. Galadin



Rapariga grega beijando a estatua de uma deusa



«Os namorados». Quadro do pintor J. J. de Sousa Pinto

cantores do beijo, Propércio, amante de Ciúthia, e o celebre Catulo, amante de Lesbia.

Nos nossos dias o beijo voluptuoso e sensual tem servido de inspiração aos pintores e aos escultores.

Lauerne, autor do *Paraíso Perdido*, Etcheverry, autor da *Vertigem*; Deveria, autor da *Luxuria*, e Van Beers, autor do *Beijo*, são os grandes pintores do beijo na bôca. O assombroso escultor Rodin é autor de dois grupos famosos: *O Beijo* e *Primavera*.

O nosso grande escultor Francisco dos Santos, autor do *Homem ao Leme*, também tem dois trabalhos notáveis sobre o mesmo assunto: o *Beijo* e *Salomé*.

Entre os poetas franceses antigos sobresaem, como entusiastas cantores do beijo, Olivier de Magny, grande poeta do amor, o celebre Rousard, e o desventurado André Chenier. Os poetas modernos da França teem-no cantado também com uma riqueza de imagens e um ardor que maravilham: Regnier, Albert Samain, Guy de Maupassant, Richepin, Edmond Rostand e Mistral. Este, no seu primoroso poema *Mireille* descreve as doçuras, o prazer, a extrema embriaguês do beijo.

Entre nós também o beijo tem servido de tema á poesia. Ha inumeras quadras populares onde ele figura maliciosamente. Nos *Lusiadas*, Camões, no episodio amoroso da *Ilha dos Amores* tem este verso celebre:

Oh! que famintos beijos na floresta!

João de Deus, o grande poeta do amor, cantou-o também por varias vezes:

Beijo na face
Pede-se e dá-se.
Beijo na bôca
E' coisa pouca...

Entre as suas poesias, sempre cheias dessa comunicativa emoção amorosa que palpita em toda a sua obra lirica, ha esta quadra bem interessante:

Dá-me um beijo! Se beijo que dêres
Te não dêr o prazer que eu supponho,
Sabe ao menos, que eu mesmo não sonho
No céu gloria ou delicia maior.

João de Lemos é um dos grandes poetas do beijo portugueses. Entre as poetisas do nosso tempo, sobressai, galhardamente, a personalidade de D. Branca de Gonta Colaço, autora do primoroso soneto tão conhecido, que começa assim:

Negar-te um beijo a ti, é significativo
de uma afoiteza enorme ou de um mortal receio?
E' fingir que desprezo aquilo porque ancelio!...
E' quasi recusar-me áquilo porque vivo!

D. Amelia de Guimarães Vilar exprime-se desta fórma, cantando o beijo;

Quando ontem nos beijámos,
Ouvu-se o beijo na rua!...
Alguem disse que eu sou tua...
Mas ainda não casámos!...

Deixa dizer!... São gracejos,
E não molestam ninguém!
—Não sabes o que ela tem?
E' raiva dos nossos beijos.

Ando na graça de Deus
E na da Virgem Maria,
De manhã, nos labios teus,
Tomo a Santa Eucaristia!

Lembro-te amorosamente...
Não desvanece a distancia
Nos meus labios a fragrancia
Do teu beijo transcendente!



O «beijo», Grupo, em marmore, de Eugène Benet, exposto no «Salon» de 1911.

D. Laura Chaves, no seu recente livro de versos de amor, publica estas deliciosas quadras:

Desde que tu me beijaste,
ó meu Amor, meu desejo,
o que gira em minhas veias
não é sangue—é o teu beijo.

Pois tenho desde esse dia
uma estranha sensação,
Como se um beijo sem fim
Me apagasse o coração!

Mas é especialmente entre os poetas brasileiros que a lirica do beijo tem alcançado o seu maior esplendor.

Os vates da terra do sábiá são uns beijoqueiros impenitentes... Cantando os amplexos inebriantes do Amor com uma ardencia extrema, eles tem cantado, tambem, o beijo com uma extrema ardencia tropical. Veja-se este esplendido soneto, de Bolivar Bastos:

A BOCA DE LISE

Eu te adoro, eu te quero, eu te desejo,
Bôca punicea, melindrosa, e pura...
Feita para vibrar a partitura
Da sussurrosa musica do beijo!

Bôca de leve e subtil tracejo
Aberto em marmore de ideal brancura,
E colorida da mais forte e pura
Côr, que de tarde no poente vejo;

Bôca purpurea, bôca rociada
Da dulçurosa essencia procurada
Entre os cheirosos roseirais do Hymeto...

Quando sorris, ó bôca fementida!
Fico numa loucura desmedida
De criminosas tentações repleto!

E outros, e muitos outros mais, como o esplendoroso Bilac, Lucio de Mendonça, autor do *Beijo Pagão*, Alberto de Oliveira, Laurindo Rebelo, Emilio de Menezes, Ferreira de Campos, e o proprio Casimiro de Abreu,—tem cantado entusiasticamente na lira a doçura e a embriaguês do contacto dos labios.

Assim, a forte e nasalada lingua portuguesa disfruta a suprema honra de ter contribuido em larga escala para o brilho da poesia amorosa moderna, enriquecendo-a—pelo estro dos seus bardos—com a lirica do beijo.

